

DO FRANCÊS AO TUPI: A TRADUÇÃO DE O PEQUENO PRÍNCIPE PELA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA

FROM FRENCH TO TUPI: THE TRANSLATION OF THE LITTLE PRINCE FROM THE ENUNCIATIVE PERSPECTIVE

Eduardo Guimarães¹Lucas Augusto Souza Pinto Alvares²

Data de recebimento do texto: 15/08/2023

Data de aceite: 13/09/2023

RESUMO: O livro de Antoine de Saint-Exupéry, *Le Petit Prince*, “O Pequeno Príncipe” em português, é uma obra de literatura infanto-juvenil publicada originalmente em inglês e em francês, em 1943, e que foi traduzida para diversas línguas ao redor do mundo. O objetivo desse artigo é o de considerar uma operação de tradução muito particular que aproxima uma língua, o francês, com uma língua ancestral brasileira, o *nheengatu* ou “língua geral amazônica”. Desse modo, buscamos observar o que se coloca como centro de nossas considerações enquanto questões de linguagem, ou seja, a configuração do espaço de enunciação e da cena enunciativa, a reescrituração por substituição mimética e a produção dos sentidos no acontecimento de tradução. Teórica e metodologicamente o trabalho se desenvolve no domínio da teoria da Semântica do Acontecimento desenvolvida por Guimarães (2002-2018).

PALAVRAS-CHAVE: Acontecimento. Tradução. Espaço de enunciação. Cena enunciativa. Reescrituração.

ABSTRACT: Antoine de Saint-Exupéry’s, *Le Petit Prince*, “The Little Prince”, is a book of children’s literature originally published in English and French in 1943, and which has been translated into several languages around the world. The purpose of this paper is to consider a particular translation operation that approach a language, French, with a Brazilian ancestral language, the *Nheengatu* or “Amazonian general language”. In this way, we seek to observe what stands as the center of our considerations as language *issues*, that is, the configuration of the enunciation space and the enunciative scene, the rewriting by mimetic substitution and the production of meanings in the translation event. Theoretically and methodologically, this paper is developed in the domain of the Semantics of the Event theory developed by Guimarães (2002-2018).

KEYWORDS: Event. Translation. Enunciation space. Enunciative scene. Rewriting.

1 Professor titular da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; professor visitante do programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT. Atua e desenvolve pesquisas nas áreas da semântica da enunciação, história das ideias linguísticas e Saber Urbano e Linguagem. Coordenador do grupo de pesquisa: Semântica da Enunciação: Espaço de Enunciação, Cena Enunciativa. Autor de diversos livros como: Semântica do Acontecimento (2002) e Semântica: Enunciação e Sentido (2018), ambos publicados pela Editora Pontes – Campinas, SP.

2 Doutor em Linguística – PPGL/UNEMAT e Professor substituto do curso de Letras Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat lucas.alvares1@unemat.br. Membro dos grupos de pesquisa: Significar Mato Grosso/UNEMAT coordenado por Taisir Mahmud Karim, e Semântica da Enunciação: Espaço de Enunciação, Cena Enunciativa coordenado por Eduardo Roberto Junqueira Guimarães/UNICAMP.

Introdução

O objetivo desse texto consiste na produção de análises sobre aquilo que uma operação de tradução traz em seu acontecimento, ou seja, questões sobre o funcionamento da linguagem, do espaço de enunciação, do agenciamento enunciativo e, de modo mais decisivo, da reescrituração. Nosso percurso analítico se faz a partir da observação da tradução da obra *Le Petit Prince*, “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry, realizada da língua francesa (língua de origem) para o *nheengatu*/língua geral amazônica/tupi, (língua de chegada [tradução]). Isso nos interessa pelo fato de que a língua indígena *nheengatu* funciona nesta relação com o francês, relação posta em funcionamento pela tradução, por aspectos particulares e em certas condições específicas, como veremos adiante. Estas condições serão observadas quando da configuração do espaço de enunciação e do agenciamento das figuras enunciativas no momento mesmo do acontecimento de tradução.

O *nheengatu* é, dentre as línguas que funcionaram no espaço do Brasil, a que se destaca com maior importância histórica. Foi no período colonial, a língua falada por índios, missionários jesuítas, brancos e negros, língua da catequese, e tornou-se a principal “língua de comunicação” não oficial do Brasil entre os séculos XVI e XVIII. Começa a perder sua “força” neste espaço de conviviabilidade de línguas e se enfraquece aos poucos, inclusive, a partir de 1757, com a criação do “diretório do índio”³ confirmado pelo rei português D. José I em 1758 que “[...] torna oficialmente obrigatórios o ensino e o uso do português” (MARIANI, 2001, p. 111) no Brasil, a isto se liga a expulsão dos jesuítas do território brasileiro.

Para esta relação entre línguas distintas, tomaremos como lugar de observação da operação a língua portuguesa do Brasil, que nos permitirá considerar a aproximação entre os acontecimentos de produção da obra em uma e em outra língua.

O que de fato nos levou à consideração desta disciplina linguística, a tradução, foi encontrar um modo pertinente de se considerar esta operação partindo da teoria da Semântica do Acontecimento desenvolvida por Guimarães (2002 – 2018). De tal maneira, chegamos a um termo possível de verificação

³ Diretório é do irmão do Marquês de Pombal e que ficou conhecido pela chamada “Política Pombalina”.

da operação de tradução via esta perspectiva teórica considerando-a como um procedimento de reescrituração por substituição mimética (ALVARES, 2022). Vamos nos valer deste dispositivo para procedermos com as análises que serão aqui realizadas.

O objeto que nos interessou surgiu a partir da leitura de um trabalho de dissertação⁴ quando da busca de material para a produção de uma pesquisa⁵ que envolveu os estudos da tradução por uma perspectiva enunciativa da linguagem. A tradução da obra da língua francesa para o *nheengatu* é de própria autoria do autor da dissertação que tomamos aqui como material de análise para este texto⁶. Nosso objetivo é uma análise linguística quanto à produção dos sentidos na relação entre acontecimentos enunciativos que se dão em espaços de enunciação distintos e na relação não muito frequente entre duas línguas neste tipo de operação.

Desse modo, selecionamos como *corpus* para as análises a tradução para o Nheengatu que está incluída na Dissertação de Mestrado intitulada “Tradução comentada da obra *Le Petit Prince*, de Antoine de Saint-Exupéry, do francês ao nheengatu” (2017), apresentada para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução para o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP⁷. A análise tomará como centro de interesse o primeiro parágrafo da tradução. Relacionaremos a este parágrafo um outro recorte, o da tradução do nome da obra *Le Petit Prince*.

As análises que faremos aqui têm não só o objetivo de analisar certas operações de tradução de uma língua europeia para uma língua de povos originários do Brasil, mas também de observar como, a partir destas análises específicas, é possível refletir sobre a questão da relação das línguas no Brasil, que tem uma história muito particular. Ou seja, esperamos poder refletir sobre aspectos relevantes da questão do espaço de enunciação brasileiro e de sua relação com o espaço de enunciação das línguas dos colonizadores da América. Esta tradução nos possibilita pensar não só a relação das línguas nacionais dos países

4 Dissertação esta apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP.

5 Trabalho este que se constitui na Tese (Alvares, 2022) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL – da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, na linha de pesquisa de Estudos do Processo de Significação.

6 Não está envolvida na análise qualquer avaliação de qualidade da tradução tomada para na análise.

7 Trabalho de Dissertação produzido por Rodrigo Godinho Trevisan.

sul-americanos, mas também a relação destas línguas com línguas, o *nheengatu* no caso, postas como marginais no espaço de enunciação em países como o Brasil.

Antes das análises apresentaremos a seguir considerações teórico-metodológicas que caracterizam uma abordagem enunciativa da tradução. Estas considerações foram desenvolvidas especificamente em Alvares (2022)

Consideração teórico-metodológica: espaço de enunciação, cena enunciativa e reescrituração por substituição mimética.

A Semântica do Acontecimento considera que os sentidos são analisados ao se observar a linguagem pelo funcionamento da língua, ou seja, pela enunciação. Considera-se também que os sentidos são produzidos sócio-historicamente pela relação existente entre a língua, a história e o falante⁸ que enuncia agenciado pela língua em um espaço de enunciação determinado. E para que os sentidos possam ser assim considerados, a noção de acontecimento é central.

Um acontecimento pode ser qualquer coisa que “ocorra” no espaço e no tempo como, por exemplo, o fato do homem ter andado na Lua ou os atentados do dia 11 de setembro de 2001. Tanto um quanto o outro são fatos ocorridos no tempo e causaram algum efeito no real de certo modo. Por isso diremos que o acontecimento é um fato da ordem do tempo e do espaço, é algo que ocorre em algum lugar em um determinado tempo. Contudo, ao tomarmos aqui a noção de enunciação, observa-se que esta diz sobre o funcionamento da língua, ou seja, é um funcionamento enunciativo da língua⁹. Dizer algo é enunciar algo pela língua. A enunciação, o enunciado, são da ordem da linguagem, caracterizados por sua historicidade.

Deste ponto de vista teórico, a língua quando em funcionamento, ou seja, a língua ao ser enunciada, o é em acontecimentos enunciativos que colocam em relação língua e tempo (história), ou seja, coloca em relação aquilo que é da ordem do tempo com aquilo que é da ordem da língua. E isso que é da ordem do tempo não se refere a um tempo “crônico”. O acontecimento, via a perspectiva enunciativa, é definido enquanto “[...] o que faz diferença na sua própria ordem”

⁸ Para o conceito enunciativo de falante ver Guimarães (2002, 2018, entre outros).

⁹ Aqui a referência feita está em Benveniste (2005) em *O Aparelho Formal da Enunciação*, Problemas de Linguística Geral II.

(GUIMARÃES, 2002), e essa diferença que caracteriza o acontecimento não o considera como um fato no tempo. O acontecimento temporaliza, instala sua própria temporalidade. A temporalidade do acontecimento:

[...] constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro. É nesta medida que o acontecimento é diferença na sua própria ordem: o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de convivibilidade dos tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação (GUIMARÃES, 2002, p. 12).

Nessa perspectiva consideramos que traduzir é enunciar, numa outra língua, um texto enunciado antes numa certa língua. Traduzir é então enunciar, ou seja, tradução é um acontecimento de enunciação. Enquanto acontecimento enunciativo se dá em um espaço de enunciação (Guimarães, 2002, 2018) configurado de modo particular pelo acontecimento.

Relacionam-se assim acontecimentos que se dão em línguas distintas e configurados por espaços de enunciação. Para Guimarães (2018), o espaço de enunciação:

[...] é o espaço de relações de línguas no qual elas funcionam na sua relação com falantes. Assim, não há línguas sem outras línguas, e não há línguas sem falantes e vice-versa. Um aspecto importante na configuração do espaço de enunciação é que as línguas, (...), são distribuídas de modo desigual, não se é falante das línguas deste espaço da mesma maneira (p. 23-24).

Tais aspectos do espaço de enunciação nos mostram que as línguas não funcionam por si só e nem mesmo de modo isolado, de maneira a poder se afirmar que “aqui se fala a língua X e lá se fala a língua Y”. As línguas estão em relação constante umas com as outras e com seus falantes. Aliás, é necessário dizer que na configuração de um espaço de enunciação falar a mesma língua nem sempre significa “falar a mesma língua”, pois, as línguas, como visto acima, são

distribuídas de modo desigual num mesmo espaço de enunciação. Os falantes do português brasileiro, por exemplo, não “falam” essa língua da mesma maneira. Isso nos mostra que em um espaço configurado pelo funcionamento de uma língua tal apresenta em sua movimentação distanciamentos e aproximações que podem ocorrer em uma “mesma” língua que se divide ao funcionar historicamente. O que dizer então quando as línguas são já diferentes?

Ocorre ainda que um espaço de enunciação não é um “grande espaço” que concentra línguas e falantes em seu interior e que se fecha como tal. O espaço de enunciação é um espaço de relações de línguas habitado por línguas e por falantes e que se caracteriza pela distribuição dessas línguas a esses falantes e suas relações, ou seja, pelos modos como os falantes são agenciados politicamente a dizer nesta distribuição desigual que forma o espaço de enunciação. “O espaço de enunciação é, então, um espaço político do funcionamento das línguas. O agenciamento dos falantes, enquanto tal, pelas línguas, é político, pois é necessariamente desigual” (GUIMARÃES, 2018, p. 24).

E é nessa distribuição “necessariamente desigual” e pelo agenciamento político dos falantes no espaço de enunciação que observaremos o funcionamento da tradução dos recortes relacionados de “O Pequeno Príncipe”, *Le Petit Prince*, em francês para *Muruxawamirĩ*, em *nheengatu*. Quanto ao espaço de enunciação o *nheengatu* é uma língua do espaço de enunciação do português do Brasil, sendo esta última a língua dominante desse espaço. Como definir a configuração do espaço de enunciação nesta relação entre línguas tão “distantes”? Em outro trabalho¹⁰ de mesma natureza, Alvares (2022) define o espaço de enunciação de certas traduções significado como sendo “global” por sua configuração se dar por relações de outro tipo, uma relação entre o francês e o português do Brasil e que mostrou, nesta relação, o funcionamento da língua tupi no litígio instalado no centro do dizer, da tradução. Aqui, no entanto, tomaremos uma relação específica entre o francês e a língua indígena.

Uma questão de observação é a de que, o português enquanto uma língua que organiza o espaço de línguas brasileiro, se apresenta insistentemente como uma língua de “relação”, ou seja, “língua mediadora” da relação. Como contornar essa mediação? Não se trata aqui de como contornar, mas, de se observar que se

10 Tese apresentada como finalização do Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística do PPGL – Unemat, em Cáceres – MT, que tratou da Tradução via perspectiva enunciativa.

“escreve”, aqui e na dissertação considerada, em português, e a língua portuguesa aparece concernida no trabalho. Nesse caso, o português se interpõe, ele se põe nessa relação entre o francês e o *nheengatu* pelo fato de o *nheengatu* estar no espaço de enunciação do português do Brasil. A configuração do espaço de enunciação se faz a partir do tipo de material e das relações estabelecidas e, portanto, neste caso particular a configuração do espaço de enunciação será vista a partir das especificidades da relação de reescrituração entre o francês e o *nheengatu*.

Essa configuração é de certo modo importante pois, pelas análises veremos como os falantes serão agenciados em figuras enunciativas, seres de linguagem, no presente do acontecimento enunciativo. Levaremos em consideração aquele que fala e aquele para quem se fala no acontecimento de tradução. Ou seja, levaremos em consideração aqui a configuração da cena enunciativa (Guimarães, 2002, 2018) que se dá de maneira particular quando da relação entre línguas pela tradução. Se temos, assim, um acontecimento em língua francesa que se dá num espaço de enunciação de funcionamento e distribuição da língua francesa a seus falantes, esse acontecimento circula, pode circular, por espaços diversos e em línguas diversas. Contudo, há que se observar que tomando o texto de origem, *Le Petit Prince*, este é obra de um autor que diz aquilo que se enuncia no livro. Entretanto, aquele que enuncia não é considerado em sua atividade empírica de falar ou de “escrever”.

A cena enunciativa se constitui pelo agenciamento do falante a dizer. O agenciamento do falante o divide na cena em lugares de enunciação: o daquele que diz (Locutor), o lugar social de dizer (alocutor), e o lugar de dizer (enunciador). (...). A cena enunciativa não configura, nesta medida, um lugar central que subsume os outros lugares. Estes lugares relacionam-se uns com os outros, pela *apresentação* que o alocutor e o Locutor fazem dos outros lugares ou pela *alusão* de um lugar ao outro (GUIMARÃES, 2018, p. 71-72).

E o que temos com isso é que não são as pessoas constituídas por suas atividades físicas e fisiológicas de falar “donas de seus dizeres” que são consideradas, mas falantes constituídos no acontecimento enquanto figuras que ocupam lugares enunciativos na dinâmica da configuração da cena enunciativa,

falantes agenciados em lugares específicos na divisão do dizer e que caracterizam a cena como politópica¹¹.

Desse modo, a cena enunciativa se configura por uma dinâmica própria de seu funcionamento pelas maneiras como os falantes são agenciados no presente do acontecimento de enunciação. A tradução estabelece uma relação entre dois acontecimentos: o da enunciação de um certo texto e o da enunciação da tradução deste texto em outra língua. Para nós a tradução se caracteriza especificamente como uma reescrituração por substituição mimética (ALVARES, 2022). Essa reescrituração é afetada pela instalação de uma nova temporalidade que é também própria deste procedimento.

Nessa direção o que se tem é um acontecimento, texto 2 *nheengatu*, que, ao substituir, mimetiza outro acontecimento, texto 1 francês, em outro espaço de enunciação que agencia outro falante, por outro modo, pela abertura de outro espaço de conviviabilidade dos tempos. A *mimesis* nesse sentido, funciona pela reescrituração não como um reflexo como imitação pura e simples ou como a duplicação de um pelo outro. A *mimesis* não se dá então enquanto reprodução do outro, mas como produção substituindo um outro que não estava “lá” antes. Portanto, não se trata de um segundo que vem após um primeiro, mas de uma relação que instala a semelhança apresentando o funcionamento de uma diferença constitutiva da produção dos sentidos. Reescrever é produzir diferenças. Assim:

A *mimesis instala* (em nosso caso), o novo. Ao se dar no e pelo procedimento de reescrituração por substituição, significando a operação, a *mimesis* produz as semelhanças e as diferenças quando um acontecimento mimetiza o outro. E se instala então uma nova temporalidade, um novo acontecimento enquanto produção do novo e não enquanto reprodução. Portanto, a *mimesis* é outro acontecimento enunciativo que se dá pela reescrituração por substituição quando significando a operação de tradução (ALVARES, 2022, p. 96).

Partindo de tais aspectos, vejamos agora como se dá tal funcionamento teórico/analítico ao observarmos a operação de tradução de *Le Petit Prince* em francês para *Muruxawamirĩ* em *nheengatu* e os sentidos produzidos nesta relação

¹¹ Para saber mais sobre a politopia ver Guimarães (2018).

que aproxima as distâncias ao tomarmos um texto que reescreve o outro por substituição mimética.

Do Príncipe ao “Pequeno Chefe”: um litígio que recorta o real

Tomaremos de início a relação constituída entre os enunciados título da obra. Em língua de origem o que se tem é a enunciação de *Le Petit Prince*. Se considerarmos a tradução do título para o português do Brasil teremos “O Pequeno Príncipe”. Com isso, a retomada do título ocorre por uma correspondência, uma a uma, não há nesse caso a necessidade de uma reorganização sintático-semântica do enunciado título em português brasileiro. Tomando o acontecimento da língua *nheengatu*, observa-se o seguinte enunciado título: *Muruxawamirĩ*.

Tem-se aqui uma certa complexidade na relação entre as línguas por alguns motivos aparentes: em primeiro lugar a língua *nheengatu*, historicamente, como já é sabido, é uma língua de tradição oral que passou a ser grafada (ou semiotizada conforme Benveniste¹²) pelo Ocidente; em segundo lugar, não se reconhece na estrutura social dos povos indígenas a figura social de “príncipe” e nem mesmo do pai deste, o “Rei”.

A tradução se dá num acontecimento que ao buscar uma aproximação equivalente e semelhante, recorta o real significando-o de modo diferente ao que se dá por exemplo pelo enunciado *Le Petit Prince* (O Pequeno Príncipe), e designa o nome do lugar social ocupado pelo menino por *Muruxawamirĩ*. Em *nheengatu* *Muruxawamirĩ* é formado por composição por *muruxawa* mais *mirĩ*. Ou seja, a formação reúne *Muruxawa* (chefe) e *mirĩ* (pequeno).

Mas há que se notar que em língua *nheengatu* existe o vocábulo *Tuixawa* que quer dizer “chefe, cacique”, e que, junto com *Rairamirĩ* (filho pequeno) resultaria em *Tuixawa Rairamirĩ*. A tradução por *Muruxawamirĩ* parece evitar que, com a tradução por *Tuixawa Rairamirĩ* se poderia significar o “Pequeno Príncipe” como figura central de “Liderança” da estrutura social de uma “nação” indígena afastando-o do personagem da obra que é uma criança vestida de “príncipe” e que, viajando pelo universo, “caiu” na terra.

Por outra via, haveria a possibilidade de se traduzir *Le Petit Prince* pelo

12 Últimas Aulas no *Collège de France*, Benveniste (2014).

termo em *nheengatu Taina*, que significa “criança”, ou, *Tainamirĩ*, “criancinha” o que, por um movimento semântico, instituiria, talvez, um certo distanciamento na relação de correspondência entre as línguas no procedimento de reescrituração¹³. O sentido de criança não está no título em francês por um uma palavra específica, mas pela combinatória entre pequeno e príncipe, metaforicamente. Contudo, tanto o funcionamento de um quanto o de outro no acontecimento de tradução significam o real diferentemente do que significa no espaço de funcionamento da língua francesa (língua ocidental). Ou seja, a produção da correspondência na tradução envolve sempre alguma diferença.

O que temos neste funcionamento é o fato de que um acontecimento, em *nheengatu*, mimetiza o outro, em francês, pelo procedimento de reescrituração por substituição. Mesmo não havendo na língua indígena em questão um termo para se designar “Príncipe” (*Prince*), o alocutor-leitor/tradutor/autor enuncia por um modo específico ao ser tomado pela língua no recorte do espaço de enunciação e diz *Muruxawamirĩ* designando, segundo o funcionamento da língua *nheengatu* o que *Le Petit Prince* designa em francês, ou seja, significando “O Pequeno Príncipe” como “O Pequeno Chefe (usando aqui o português como intermediário para essa compreensão). E tal designação independe da intenção ou da escolha do tradutor ao traduzir, mas sim, do modo como a própria língua tem de enunciar e significar o real e o modo como, ao funcionar via acontecimento num espaço de enunciação, toma o falante agenciando-o enquanto figura enunciativa.

Vejamos agora um outro trecho do livro situado no primeiro capítulo, mais precisamente no primeiro parágrafo¹⁴:

E1 – F: *Lorsque j'avais six ans j'ai vu, une fois, une magnifique image, dans un livre sur la Forêt Vierge qui s'appelait « Histoires Vécues ».*

E1 – N: *Mairamé arikú puyepé akayú amaã, yepé ará, yepé sangawa amurupí retana, yepé papera resé kaawasú resewara sera waa Mbeusawa uyusá ana waá-itá.*

13 O tradutor da obra *Le Petit Prince* em francês para o *nheengatu* preferiu evitar os termos *Tainamirĩ* (criancinha) ou *Kurumirĩ* (menininho) evitando, assim, de se valer da mesma “estratégia” adotada pelos tradutores de língua Guarani. Por isso mesmo, o autor da tradução para o *nheengatu* “preferiu” o termo *Muruxawamirĩ* julgando ser mais “satisfatório” semanticamente por não ser uma palavra de muito uso nos dias atuais, mesmo tendo sido outrora em que nomes de cargos de lideranças políticas foram traduzidos para o *nheengatu* (TREVISAN, 2017, p. 178).

14 Para ver a tradução completa de *Le Petit Prince* para o *nheengatu*, ver em Trevisan (2017), Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP.

E2 – F: *Ça représentait un serpent boa qui avalait un fauve. Voilà la copie du dessin.*

E2 – N: *Aé Umukameẽ yepé buyawasú umukuna uikú waá yepé kaapura. Xukúí sangawa.*

Considerando o texto produzido em língua de origem, em E1 – F, tem-se que a “serpente” que engole uma presa inteira é designada pelo nome *serpent boa* o que, na tradução para o português brasileiro recebe a designação de “jiboia”. Na tradução em *nheengatu*, a “serpente” é designada em *nheengatu*, em E2 – N, por *buyawasú* (*buya* (cobra) e *wasú* (grande)). O que se observa é que, no acontecimento em língua francesa há uma relação de reescrituração pela qual o termo *serpent* é reescriturado como aposto por *boa* e formam um nome (um enunciado) designado pelo funcionamento da formação nominal¹⁵ *serpent boa* na qual *boa* reescritura por especificação *serpent*, significando-a como que uma serpente da espécie *boídeo/boidae*, família à qual pertence também a jiboia.

Já no texto produzido em *nheengatu*, há uma relação pela qual o termo *buya* (“cobra”) se une a *wasú* (“grande” – como já apresentamos acima), formando o nome *buyawasú* significando “cobra grande”¹⁶. De tal maneira que se observarmos em língua indígena o nome enunciado não se refere à espécie da serpente como no caso da língua de origem (o francês), e sim, a formação nominal decorrente da articulação entre o substantivo *buya* – serpente/cobra – e o adjetivo *wasú* – grande.

Com isso, em um primeiro momento, o que se observa é que o acontecimento em língua francesa recorta um memorável específico de enunciações outras que dizem do lugar da Ciência, mais especificamente das ciências biológicas, que dizem sobre uma espécie de cobra em particular e não de outra. Por outro lado, ao tomarmos a tradução para a língua *nheengatu*, este acontecimento recorta como memorável o texto que traduz, ou seja, o texto produzido em língua francesa. E de tal maneira, que nesta relação de reescrituração verifica-se que um termo atribui algo ao outro. E o que atribui? O que se observa pelo que é próprio da temporalidade. O termo em *nheengatu* que nesta língua especificamente significa “cobra grande”, pelo procedimento de reescrituração por substituição mimética, tem seu relevo de sentidos movimentado para a direção

¹⁵ A esse respeito ver Dias (2018).

¹⁶ Cf. Machado Filho (2015): “Dicionário Nheengatu – Português.

de uma cobra da família *boidae*, ou seja, *buyawasú* não coloca como memorável, pela sua formação, a questão da taxonomia biológica tal como em *Boa Constrictor*, em francês.

Outro aspecto ainda nos chama a atenção. Se buscamos em um dicionário de língua francesa a palavra entrada *boa* e seu enunciado definidor¹⁷ (verbetes), encontramos o seguinte:

Quadro Verbetes francês 1 (Le Petit Prince)

Le Robert & Cle International

Boa [...]. ▪ UN BOA: *gros serpente d'Amérique du Sud, sans venin, qui étouffe sa proie dans ses anneaux. → anaconda. Les boas digèrent même les os des animaux qu'ils mangent.*

Tradução Própria: “Boa [...]. ▪ BOA: grande serpente sul-americana, sem veneno, que sufoca sua presa em seus anéis. → anaconda. As boas digerem até os ossos dos animais que comem.

O que nos chamou a atenção é que se formam relações sinonímicas no verbete e que compõem a rede de sentidos do termo *boa* que incide sobre *serpent*. Observa-se que “Boa” é determinada por “grande serpente” e que assim instala uma relação sinonímica com “anaconda”. Entretanto, antes de darmos continuidade resta uma consideração a ser feita. Nosso objetivo aqui ao tomarmos os verbetes de dicionários é o de observar certos movimentos das relações das palavras no interior de uma certa regularidade lexical específica como noções de sinonímia e hiperonímia (HORTA NUNES, 2010). De tal modo, serão estas consideradas via a articulação com textos pelos quais nossas análises serão aqui realizadas. Portanto, deve-se considerar que: “Como instrumento que registra as palavras da língua e suas definições, o dicionário se constitui num lugar de memória específico sobre a palavra” (OLIVEIRA, 2010, p. 74).

Retornando aos verbetes, pode-se observar que o termo *anaconda* no mesmo dicionário aparece da seguinte maneira:

17 Ver em MAZIÈRE, Francine. O Enunciado Definidor: Discurso e Sintaxe (P. 47-60), 2008.

Quadro Verbetes francês 2 (Le Petit Prince)

Le Robert & Cle International

Anaconda [...]. ▀ UN ANACONDA: *grand boa d'Amérique du Sud. Les anacondas étouffent leurs proies avant de les avaler.*

Tradução própria: “Anaconda: grande serpente da América do Sul. As anacondas sufocam suas presas antes de engoli-las”.

Verifica-se aí que a relação de determinação que incide sobre anaconda é a de ser uma “grande serpente”, ou, em francês, UN ANACONDA: *grand boa d'Amérique du Sud*, “uma anaconda: grande serpente da América do Sul”. E isso nos interessa pois, como dissemos acima, o texto 2 produzido enquanto a tradução em língua *nheengatu* do texto 1 em língua francesa, recorta como memorável o próprio texto 1, texto de origem, que projeta em sua futuridade a reescrituração por substituição mimética fazendo com que o texto em língua indígena “traga” no seu acontecimento parte da história enunciativa do texto de origem. Ou seja, o texto em *nheengatu* contém a história do texto em língua francesa que se dá como um memorável específico do texto em língua indígena. E isso faz com que, pela temporalidade instalada na operação de reescrituração, *serpent boa* seja uma formação constitutiva dos sentidos de *buyawasú*, e, por outro lado, faz com que *buyawasú* atribua algo a *serpent boa* ao mesmo tempo.

Partindo do enunciado abaixo, da tradução para o *nheengatu*:

Aé Umukameẽ yepé buyawasú umukuna uikú waá yepé kaapura. Xukúí sangawa,

podemos substituir o termo *buyawasú* por **Sukiruí** e **Sycuryiú-yua**, que leva às seguintes paráfrases em língua indígena suficientes para a descrição da operação de tradução e a produção dos sentidos na tradução realizada:

[P'] *Aé Umukameẽ yepé **Sukiruí** umukuna uikú waá yepé kaapura. Xukúí sangawa*¹⁸.

[P''] *Aé Umukameẽ yepé **Sycuryiú-yua** umukuna uikú waá yepé kaapura. Xukúí sangawa*¹⁹.

Vejam que as descrições via jogo parafrástico em língua *nheengatu* permite-nos observar que o termo que funciona no texto que se dá como tradução, *buyawasú*, e que significa em língua indígena “cobra grande”, pode ser

18 O termo em *nheengatu* **Sukiruí** da paráfrase P' encontra-se no Dicionário *Nheengatu Português* de Machado Filho (2015).

19 O termo **Sycuryiú-yua** da paráfrase [P''] encontra-se na revista o IHGB Tomo 104, vol. 158 (2º de 1928).

substituído sem prejuízo semântico pelos termos que funcionam em P' e em P" que designam uma espécie de cobra também constritora, encontrada na América do Sul e que esmaga e engole sua presa sem mastigar, a sucuri. Estes dois termos que em P' se encontra no dicionário "Nheengatu-Português" (Machado Filho, 2015), e em P" na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1928), são termos em língua indígena que designam uma cobra nomeada por "Sucuriju" que, no dicionário Houaiss (2009) se apresenta em uma relação de sinonímica com "Sucuri". Ou seja, a palavra do *nheengatu* entrou na língua portuguesa e é de uso geral.

E esta substituição sem "prejuízo" semântico se dá justamente pela instalação de uma temporalidade própria do acontecimento de tradução que contém no presente do acontecimento parte da história enunciativa do texto de origem, e que na constituição da rede de sentidos do nome *serpent boa* traz como parte de sua trama semântica a palavra "anaconda" que funciona por relação sinonímica com "sucuri".

A seguir, na tradução considerada, vamos observar, no funcionamento do procedimento de reescrituração por substituição mimética, que caracteriza a tradução, a configuração da cena enunciativa que se apresenta de uma maneira muito particular.

Cena enunciativa: Cobra, línguas, falantes e argumentação

No caso de nossa análise, o acontecimento de enunciação do texto de origem se constitui num espaço de enunciação configurado como sendo o espaço de enunciação de língua francesa. E neste espaço de enunciação se constitui a cena enunciativa do acontecimento (Guimarães, 2002, 2018). No presente do acontecimento o falante, aquele que diz o texto é tomado pelo funcionamento da língua francesa e é agenciado neste espaço como um Locutor que se configura como a fonte daquilo que se enuncia. O Locutor (L) é assim tomado pela língua francesa ao ser agenciado e enuncia a partir das especificidades de funcionamento dessa língua a um correlato direto seu, ou seja, um Locutário (LT) numa configuração como tendo um *eu* que diz para um *tu* na relação de alocação.

Por outro lado, o falante enuncia de um lugar constituído sócio-

historicamente de autor do texto e, portanto, é agenciado no acontecimento como alocutor-x, ou melhor, alocutor-autor francês, (al-autor-francês). Ainda nesta relação o al-autor francês tem, também, um correlato seu que se instala na configuração da cena como um alotucário-x, ou at-x, ou ainda, um alocutário-leitor, aquele para quem se diz a partir de um lugar social do dizer. O al-autor-francês apresenta, nesta dinâmica, um *lugar de dizer* que se dá como o lugar de Enunciador que enuncia numa relação com aquilo que se diz no acontecimento. Nesta cena, o alocutor-autor apresenta a enunciação como de um enunciador-individual (Eind) que significa uma certa responsabilidade específica por aquilo que se enuncia no acontecimento.

Verificando mais de perto a configuração da cena enunciativa no acontecimento em língua francesa, pode-se considerar que há nesta dinâmica lugares específicos que apresentam aquilo que se diz sobre a *serpent boa* nesta relação apositiva entre os dois termos da expressão. O alocutor-autor-francês ao enunciar *serpent boa* faz conhecer um lugar de alocutor tomado pelos modos específicos de enunciar das ciências. O texto literário recorta, como memorável, na temporalidade do acontecimento, enunciações das ciências biológicas. Portanto, pela relação de aposição pela qual *boa* incide sobre *serpent* significando esta como sendo de uma família específica de cobras, mostra-nos um al-autor-francês que alude a um enunciador universal, fazendo significar uma taxonomia biológica.

Dessa maneira, o al-autor-francês sustenta, via o memorável de enunciações das ciências biológicas, representadas em enunciações da lexicografia, que a cobra que engole sua preza sem mastigar é uma cobra constritora da família dos *boídeos/boidae* significada pela aposição na formação nominal *serpent boa*. Há assim a sustentação dos sentidos por um argumento de autoridade²⁰ que sustenta que aquilo que se enuncia é uma verdade válida para todos. As enunciações da biologia sustentam que há uma serpente que engole sua preza sem mastigar, e esta serpente é de uma família de espécie específica e não outra. Isso é significado pela reescrituração apositiva que nos apresenta um termo que comenta a enunciação daquilo que se enuncia como algo do passado da própria enunciação. Poderia, por exemplo, enunciar apenas *serpent* que seria possível compreender que uma “cobra” fez o que fez na narrativa da obra. Contudo, *boa* ao incidir sobre *serpent*

20 O argumento de autoridade é segundo a retórica aquele que “utiliza atos ou julgamento de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova em favor de uma tese” (Perelman et Olbrechts-Tyteca (1970). Parafraçando Ducrot (1987, p 140), um enunciado *E* é enunciado como argumento de autoridade quando a) *E* já foi, é ou poderia ser afirmado; b) apresenta-se isto como valorização do enunciado em questão.

comenta a enunciação, numa espécie de avaliação externa ao texto, especificando no acontecimento a cobra como da espécie das cobras constritoras e que, justamente por isso, é possível que uma serpente tenha engolido sua preza sem ao menos mastigar. Dessa maneira, o al-autor francês sustenta aquilo que enuncia nas relações de apresentação e de alusão que compõem o jogo da dinâmica dos lugares de e do dizer na configuração da cena enunciativa, o que chamamos politopia da enunciação (Guimarães, 2018).

A descrição desta configuração interessa pelo fato de o acontecimento de tradução constituir uma temporalidade própria, na relação com o texto de origem. Essa temporalidade traz, no seu presente, os sentidos produzidos naquele acontecimento como constitutivos dos sentidos do texto em *nheengatu* que abre um novo espaço de conviviabilidade de tempos e uma nova configuração da cena enunciativa. Na relação de tradução em análise, há um al-autor-francês que enuncia o texto1 numa relação do tipo: al-autor francês → texto1, e este acontecimento instala uma temporalidade específica no presente da enunciação. Por outro lado, a leitura do texto em francês se dá como uma projeção de futuridade do acontecimento do texto1 enquanto um novo acontecimento que nessa medida instala uma nova temporalidade que é distinta daquela da enunciação do texto1. Tem-se algo como²¹:

al-autor francês → texto1 (francês) (acontecimento – 1)



at-leitor (acontecimento-2)

Há aqui uma espécie de “quebra” do tempo fazendo com que este não siga por uma linearidade e não instale um caráter de *continuum* temporal ao infinito. Por outro lado, pensando na tradução, este al-leitor é afetado por uma divisão dos lugares do dizer no momento mesmo do agenciamento do falante no acontecimento da tradução. Assim, este alocutário-leitor não ocupa apenas o lugar social de leitor, mas, o de leitor, tradutor e autor do texto traduzido, e dessa maneira, há uma relação enunciativa na tradução que podemos, nesse caso, caracterizar como segue:

21 Sobre essa relação de acontecimentos da enunciação de um texto e sua leitura (interpretação), ver Guimarães (2013)

al-autor francês → texto1 (francês)



at-leitor/tradutor/autor → texto2 (*nheengatu*)²²

Vejam que a temporalidade do acontecimento de leitura, tradução e autoria do texto2 se dá justamente no lugar da futuridade da enunciação do texto de origem, ou seja, da enunciação do alocutor-autor francês, parte de um lugar de futuro do acontecimento 1 para o presente do acontecimento 2 que toma o acontecimento 1 como memorável. Ou seja, é um segundo acontecimento que tem o primeiro como algo do seu passado. Desse modo, o al-leitor/tradutor/autor enuncia um texto tanto enquanto agenciado pela língua francesa (acontecimento de leitura do texto1), quanto pela língua *nheengatu* (enunciação do texto2). O texto1 é um acontecimento que se dá no espaço de enunciação de língua francesa enquanto que, o texto2 é um acontecimento de tradução que se dá num espaço de enunciação da língua indígena *nheengatu*. O al-x, desse modo, não se configura enquanto um “mediador” entre as duas línguas em relação, mas, enquanto um falante agenciado, *na* relação entre as duas línguas, em alocutor-tradutor que apresenta uma reescrituração por substituição mimética.

Nesta relação há um Locutor que é tomado pela distribuição das línguas no espaço de enunciação e agenciado enquanto falante das línguas, francesa e *nheengatu*. Trata-se aqui de um espaço de enunciação configurado, não pela língua francesa mas pelo litígio histórico e constitutivo do espaço de enunciação do Brasil, espaço configurado pela distribuição e disputa de línguas indígenas, o tupi por exemplo, e a língua oficial do Estado brasileiro, o português. É por ser tomado neste lugar do acontecimento da tradução que o Locutor agenciado por estas duas línguas diz de um lugar social e histórico particular, o de al-leitor/tradutor/autor. Nessa direção, o al-leitor/tradutor/autor apresenta, de modo geral, um lugar de dizer de um Eind. Um *lugar de dizer* que enuncia algo do tipo: [EU DIGO QUE] em *nheengatu* se diz X. Temos assim, a partir dessa paráfrase, por exemplo, uma configuração do tipo:

22 Tal como está em Alvares (2022) “A Tradução como Reescrituração por uma Perspectiva Enunciativa”.

Eind. [EU DIGO QUE] em *nheengatu, serpent boa*, se enuncia *buyawasú*
al. leitor/tradutor/autor-----at-
leitor

Nessa relação de apresentação (esta seta espessa indica a apresentação do enunciador pelo alocutor), o al-leitor/tradutor/autor diz ao at-leitor do texto traduzido que *serpent boa* em francês se enuncia *buyawasú* em *nheengatu* assumindo certa responsabilidade pelo que diz, pela relação que tem com aquilo se enuncia no texto.

Contudo, levando-se em conta o fato de que, na temporalidade da tradução o texto2 recorta o texto1 como memorável direto e contém em si a história do texto1, ao se enunciar no texto2 em *nheengatu* o termo *buyawasú*, que reescreve por substituição mimética a formação em francês *serpent boa*, fazendo com que o termo em francês atribua sentidos a *buyawasú*, temos que este Eind que enuncia o texto2 alude um outro lugar de dizer, o de Euniv presente na enunciação do texto1. Vejamos aqui a relação de alusão:

Euniv. *Serpent boa* é uma serpente da família *boídeo/boidae*

Eind. [EU DIGO QUE] em *nheengatu, serpent boa*, se enuncia *buyawasú*

Essa alusão na configuração da cena enunciativa (a seta menos espessa representa a alusão), se dá na temporalidade do texto1 que projeta um lugar de futuridade no qual o texto 2, ao traduzir o texto1, se põe neste lugar de futuro. Nessa direção, sentidos que se produzem na enunciação do texto1 em francês, *boa* retoma o lugar das ciências biológicas, funcionam no acontecimento do texto2 em *nheengatu*. A formação *serpent boa* atribui sentidos a *buyawasú*, pelo fato de o texto2 conter em seu presente parte da história constitutiva do texto1, ou seja, o texto2 contém aquilo que a reescrituração por substituição mimética instala ao se dar, a temporalidade própria do acontecimento que traz o texto1 e sua história enunciativa como constitutivos dos sentidos produzidos na enunciação do texto2.

Assim, é possível verificar que a sustentação, pelo argumento de autoridade, há pouco tratado, do al-leitor/tradutor/autor se faz pela alusão que o Eind do texto2 faz do Euniv do texto1, *buyawasú* reescreve *serpent boa* por

substituição mimética e *serpent boa* atribui sentidos a *buyawasú*, *buyawasú* é uma *serpent boa*, é uma cobra da família dos *boídeos/boidae*, segundo a classificação da ciência. Mesmo parecendo algo que se dá por um certo logicismo, isso só ocorre pela instalação da temporalidade no momento mesmo em que se dá o acontecimento de tradução como um procedimento de reescrituração por substituição mimética e pelas outras relações textuais que vimos ao analisar os textos por uma perspectiva enunciativa. E esta diretividade na argumentação só ocorre por esta relação entre os textos produzidos em espaços de enunciação distintos, em temporalidades distintas e por falantes também distintos.

Considerações finais

A tradução, enquanto reescrituração por substituição mimética, ao retomar um texto em francês por um texto em *nheengatu* faz significar o lugar regulador do espaço de enunciação em que se dá a tradução em questão. A reescrituração mimética da tradução, neste caso, significa o lugar de uma língua, a língua portuguesa, não diretamente envolvida na reescrituração considerada. Ou seja, a língua portuguesa no caso está significada como organizadora do espaço de enunciação brasileiro.

Nesta medida a tradução do francês para o *nheengatu* coloca um problema muito particular do espaço de enunciação do português, sua relação com as línguas indígenas dos povos originários. E isto significa politicamente o caráter periférico do *nheengatu* neste espaço de enunciação. O *nheengatu* não é, no Brasil, uma língua praticada por todos e para todos, mas tem uma prática ligada a situações específicas dos povos concernidos, no espaço político de línguas regulado pelo português.

Isso ocorre pelo fato de que é sempre possível traduzir um texto de uma língua qualquer para outra língua qualquer. Isto poderia levar a pensar que o espaço da tradução seria sempre o espaço global, o espaço de todas as línguas. Mas há que se considerar que as relações dos espaços de enunciação são históricas, não são virtuais ou lógicas. No caso específico da tradução sobre que refletimos, pode-se considerar que na medida em que a relação de tradução do francês para o *nheengatu* é feita, isto coloca o *nheengatu* no espaço globalizado. Mas há que

se considerar ao mesmo tempo que o espaço de funcionamento do *nheengatu* hoje no Brasil se dá no que podemos chamar de espaço de enunciação da língua portuguesa, que organiza o espaço de enunciação considerado: o das línguas do Brasil, no qual o *nheengatu* é uma língua marginalizada.

Assim há que se considerar que o *nheengatu* tomado no espaço global da tradução que analisamos é o *nheengatu* marginalizado no espaço de enunciação da língua portuguesa no Brasil. Há que se observar que o *nheengatu* é tomado para a tradução a partir de seu lugar marginalizado no espaço de enunciação brasileiro. Isto mostra que ao considerar o espaço global de línguas é preciso considerar, para cada caso específico, as condições de seu espaço de enunciação específico. Contudo, há ainda que se observar que o Francês e Português são línguas nacionais. O *nheengatu* é uma língua indígena. A tradução de um texto da literatura europeia para o *nheengatu* atesta a diversidade do espaço de enunciação brasileiro e a presença do *nheengatu* no mundo da escrita. A história se movimenta.

Referências

ALVARES, Lucas. **A Tradução como Reescrituração por uma Perspectiva Enunciativa**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat. Cáceres, 2022.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães (et al.); revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes Editores. 2ª edição, 2006.

_____. **Últimas Aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. Tradução de Daniel Costa da Silva (et al.). São Paulo: Editora Unesp, 2014.

DIAS, Luiz Francisco. **Enunciação e Relações Linguísticas**. Campinas, Editora Pontes, 2018.

DUCROT, Oswald. **O Dizer e o Dito**. Campinas: Editora Pontes, 1987.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo. Campinas: Editora Pontes, 2002.

_____. **Ler um Texto:** Uma Perspectiva Enunciativa. *In.* Revista da Abralín, v. 12, n. 2. P. 189-205. Jul./Dez. 2013.

_____. **Semântica:** Enunciação e Sentido. Campinas: Editora Pontes, 2018.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

MACHADO FILHO, José Carlos Bahiana. **Dicionário Nheengatu** – Português. [Kindle Paperwhite version], 2015.

MARIANI, Bethania. **A Institucionalização da Língua, História e Cidadania no Brasil do Século XVIII:** O Papel das Academias Literárias e da Política do Marquês de Pombal, p. 99-124. *In.* História das Ideias Linguísticas: Construção do Saber Metalinguístico e Constituição da Língua Nacional. Eni P. Orlandi (org). Campinas: Editora Pontes, 2001.

MAZIÈRE, Francine. **O Enunciado Definidor:** Discurso e Sintaxe (P. 47-60); *In.* História e Sentido na Linguagem, Eduardo Guimarães (org.). Campinas: Editora RG. 2ª edição, 2008.

Perelman, Ch. e Olbrechts-Tyteca, L. *Traité de l'argumentation. La nouvelle rhétorique.* Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1970 Revista IHGB – Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Tomo 104 – Vol. 158, 2º Edição. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1929. <https://ihgb.org.br/pesquisa/hemeroteca/periodicos/item/102479-revista-do-instituto-hist%C3%B3rico-e-geogr%C3%A1fico-brasileiro.html>.

REY-DEBOVE, Josette. **Dictionnaire du français.** Le Robert & Cle International, [Kindle Paperwhite version], 2006.

TREVISAN, Rodrigo Godinho. Tradução comentada da obra *Le Petit Prince*, de Antoine de Saint-Exupéry, do francês ao nheengatu. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2017.